

Mulher-arquipélago

João Nogueira

Conheci-Te lá, onde dizem que a luz é mais branca. Lá, onde o Tejo serve de pista aos cacilheiros e onde os guarda-freios nos levam a ver as estrelas. Lá, aí onde estás, é sempre sexta-feira.

À tua beira, ou ao pé de Ti, o meu coração é foguetes de S. João. A cidade que há dentro dos meus olhos brilha toda. E a gente que há nessa cidade tem toda lume. Não há ninguém que anoiteça.

Quando me vou embora de Ti sou domingo preto de Janeiro. Está frio. Crescem-me frieiras. E olheiras. Expiro para o vidro do comboio e escrevo o teu nome. Mas não Te vejo. Vejo-me a mim. E às olheiras. Órfão de Ti.

A distância magoa. As despedidas são cães que ferram. Não nos largam a perna. Enxotas um. E vem outro, a seguir. Que tem dentes mais afiados. Enxotas esse. E vem outro. Maior. Com a boca mais aberta. Com mais dentes. O Homem é um conjunto de fragmentos. Colados uns aos outros. Eu sou sempre o que descola. E que volta a colar. E que volta a descolar. Sou um despedidor. A minha mão é um catavento. Não pára. Ora direita. Ora esquerda. Olhos que vão. E que vêm ir. Olhos em contramão com o peito. E o peito é um camião muito grande.

Não há treino para a saudade, meu Amor.

Escurece-me não Te ver todos os dias. Vejo-Te de cada vez que a Terra dá vinte voltas sobre si mesma. E vinte voltas duram anos. Escurece-me. Não há auroras boreais que me trespassem. Escurece-me a saudade. Até ficar pálido.

Conheci-Te tarde. Ou quando teve de ser. Fomos a Revolução de Abril um do outro. E era Agosto. Não houve chaimites. Não houve megafones. Não houve homens e mulheres de bocas-de-sino empoleirados em árvores. Vi-Te. Trazias sandálias iguais às da minha mãe. E olhos-lamparina. Com golfinhos aos saltos lá dentro. Morena. Trinta e tal dentes brancos.

-João! Do Porto.

-Elsa! Do mundo.

Pela boca, saíam-te palavras. Ou pássaros a deixar gaiolas. Sem espartilhos. Pelos olhos, ilhas. Eras muitas. Numas dava o Sol de Mombaça. Noutras havia morrinha. Noutras, era noite de Janeiro a norte do mundo. E não tinhas forças para o metro de arame-farpado que te faltava trepar. Vi isso na lágrima que nunca te chegou a cair. Por um triz. Mas não caiu, Mulher-arquipélago.

No sítio onde estou, fecho os olhos com força. E vou-nos buscar em frente à Sagrada Família. Depois, com os olhos ainda mais fechados, vejo-Te a subir o Park Guell como quem faz o Caminho de Santiago. Falta-te o cajado. Sobra-te a vida.

Ouço-Te dizer que temos de ir a Tibidabo. Mas não Te escuto. Escorrem-te pingas de suor. Não tens pó-de-arroz na cara. Muito menos no coração. Ouço-o. Ao coração. Há cavalos desgovernados lá dentro. Ouço-Te dizer que temos de ir a Tibidabo. Mas não Te escuto.

Abro os olhos. Estamos de pés mergulhados no Mediterrâneo. Dizes que os meus são feios. Pergunto-Te se já olhaste para os teus.

Digo que Te amo, em catalão, na Avinguda Diagonal. Foges, a rir, com chinelos-de-meter-o-dedo, Diagonal abaixo. Só dizes que gostas de mim quando tropeças e te apanho numa viela do Bairro Gótico, ao pé da Plaça del Rei.

Beijas-me. A tua boca não engana. Deus, ou um Consílio de astros bêbados, cicatrizam-me. Cosem-me pontos em sítios de que nunca tinha ouvido falar. É a vida a sarar. Beijo-Te. E saltas o palmo de muro que te faltava trepar.

Peço a um senhor, em castelhano, para nos tirar um retrato. Ele, zangado, diz Si us plau, parla'm en català.

Peço desculpa. Ele tira-nos na mesma. Diagonalizas o teu tronco de Afrodite. Ficas linda. Eu com barbela. Descubro-Te anjos-da-guarda escondidos na foz das ilhas por onde me vês. Ao longe, o retratista ri-se. E com os Pavarottis todos que lhe acordavam na voz, berra Visca Catalunya!

Sentamo-nos no meio das Ramblas. Já não vamos para novos. Ficamos a pensar na vida.

Calcaste o sítio mais alto que há nos Himalaias. Chegaste lá acima com os dedos. Arranhaste-Te toda. Atrás de ti, o pelotão de fantasmas. Foste corpo de Cristo a ejacular sangue. Enganaste as vertigens. Os fantasmas atropelaram-se. E espetaste, num sítio a Rés-Vés Campo de Ourique do céu, uma bandeira. Dizia "Elsa esteve aqui. Num dia em que deixou de ouvir trovões." Os outros, cheios de cordas, com cintos que não os deixavam cair, ficaram a meio. A flutuar no ar, no ar que queima, de pescoço teso, a ver-Te sorrir. A ver-Te respirar fundo. Com uma nuvem de Primavera por cima, a dizer-Te que valeu a pena teres saído do ventre.

Nos nós das mãos, tens os lanhos. Na palma, as chagas. Ou os segmentos de recta que mostram o milagre. Voaram-Te Nossas Senhoras de Fátima pelos olhos, Mulher-arquipélago. Não há mais bandos de aves atordoadas a fugir do Inverno que foste. Dá-me a mão. Entrança-a na minha. Tens pé aqui. Na minha mão. Teremos sempre pé enquanto dermos as mãos, meu Amor.

Não Te esqueço as sandálias. Não Te esqueço os trinta e tal dentes brancos. Não Te esqueço os pássaros-arco-íris que cuspias. Mas é à tua ilha triste, a que desabitaste, que Te vou buscar. Que me vou buscar.

Cresceram-Te forças gémeas em zonas remotas. Talvez nos subúrbios da pele. Vieram do subsolo. E deixaste de ser um velho corcunda, com a vida em borboto, à espera da morte. Aquela coisa preta de que todos temos medo.

O coração já me tinha crescido a uma quarta-feira. O estendal de veias que me veio à superfície, em acordes de música cigana, mostrou-me. Disse-me que a correia que há no peito de um homem, pode andar a pores-do-sol. À hora das gaiotas.

Frasco, Juary, Madjer, vai ser o golo e é golo!

E o meu pai saltou. Muito alto. Sem trampolim, foi por ali acima. Punhos fechados. Braços a apontar para o céu. Olhos a piscar muito. Uma lágrima. A seguir outra. De repente eram muitas. Deixei de contar quando chegou às trinta. Só sabia contar até aí. E mal. Era mil novecentos e oitenta e sete. Era vinte e sete de Maio. Era golo do Madjer em Viena. Número oito nas costas. Argelino. Pernas tortas. Meias para baixo. Alcorão em cada trejeito de lábios. Estava de costas para a baliza. O golo era impossível. Homens vestidos de azul e branco levavam as mãos à cabeça. Lia-se, na boca do número dois, um Meu Deus! a sair devagarinho. Ao ralenti. O dez caía de joelhos. O cinco era uma Revolução falhada. A Superior Sul morria de desgosto. As bocas ficavam abertas até cima. Milagre! A bota preta do Madjer mexia-se. De costas. Perdido. Tonto. Sem saber de que terra era. Mas Deus emprestou-lhe os olhos num instante. E ele pô-los nas costas. Na parte de trás do peito. Golo! De calcanhar! Milagre! A Superior Sul nascia outra vez. E o número cinco já era uma Revolução ganha.

E o meu pai saltou. Muito alto. Com os olhos postos na Ursa Maior. Queria chegar ao céu. Fosse de que forma fosse. Tinha uma novidade para dar. Ao pai. Ao meu avô. Era vinte sete de Maio de mil novecentos e oitenta e sete. Faltavam dois dias para ser vinte e nove de Maio. Faltavam dois dias para fazer um ano que o meu pai tinha ficado sem pai. E eu via-o chorar. E fiquei confuso. Porque saltava. E berrava golo com a força de uma matilha de Adamastores. E tinha um tremor de terra nas pernas. E tinha dois rios a passear-lhe nos olhos. Um bonito. Outro triste. E tinha um coração à rédea solta.

Tinha seis anos. Só sabia contar até trinta. E mal. Mas comecei a perceber que é na vitória que um homem tem mais saudades. Que fica mais sozinho.

E fui olho de pássaro ferido. A olhar para o meu pai. Que era olho de homem a vir da guerra. E no olho aberto de um homem a vir da guerra, vêm todos os olhos fechados dos que não vieram. Da guerra.

Cresceu-me o coração. Era quarta-feira.

A Terra deu dezanove voltas sobre si mesma. Falta uma. Deixo de ser homem-estátua na baixa da cidade que me inventei. Falta uma. Os olhos-silêncio das gárgulas que me seguem o rasto lá das águas-furtadas onde estão, perdem a paz. Querem ver-me chegar. Ao sítio onde o Tejo serve de pista aos cacilheiros. E onde os guarda-freios nos levam a ver as estrelas. Ao sítio onde espalhei as cinzas do homem vivo que sou. Levo-Te tangerinas, meu Amor.

Seremos casa. Não pela parte de fora. Pela parte de dentro. O uivo de lobo que há entre nós há-de furar os ouvidos à Linha-do-Equador que nos divide em dois. E nesse fim-de-tarde, de pontos cardeais virados do avesso, vou dizer-te a verdade. Nunca soube se eram de arco-íris os pássaros que cuspias. Ou como era o amarelo do Sol de Mombaça. Sou cego. De cores. Não Te posso prometer aquários. Ou amores-perfeitos. Só sei de cor o preto da Ilha que desabitaste. E o branco da luz que te alumia. Vou dizer-Te a verdade. Nunca soube se era de Cristo o corpo em sangue que levaste ao sítio mais alto da montanha. Ou se eram Nossas Senhoras de Fátima que te voavam nos olhos. Sou ateu. Talvez isso não interesse. Talvez Deus esteja por fundar numa ilha que Te há-de crescer. Que nos há-de crescer. Não interessa se sou ateu. Interessa que sou teu.

A Terra deu vinte voltas sobre si mesma, meu Amor. Passei a ponte. Estou na tua margem. Estou a ver-Te. Os cavalos sem freios que tenho nas pernas não andam. Têm a boca seca. Paro. Sou eu a sair de mim. E a ver-me na minha margem. No sítio do meu Pai. No sítio da minha Mãe. No sítio da minha irmã. Vejo-me por ordem crescente. Desde o dia em que escavava tesouros, na praia, com um ancinho que talvez fosse azul. E vejo-Os por ordem crescente. E sou um bando inteiro de pássaros a espreitar-lhes à janela. Foram instrutores das minhas asas. E a minha mão é um catavento. É a eles que digo adeus agora. Sou um despedidor. E não há treino para a saudade.

Volto a mim. É fim-de-tarde na tua margem. Levo-Te tangerinas. Trazes-Te a Ti. E a tudo o que Te habita. Há uma ilha nova nos teus olhos. Mal a vejo. É tão pequenina. É tão grande. Dizes que é o Deus que estava por fundar. E que se vai chamar João Maria.

Mulher-arquipélago, anda. Vem deitar-Te.